

# **A constituição do subúrbio na cidade do Rio de Janeiro na virada do século XIX: um passeio pela literatura**

**Leonardo Soares dos Santos\***

Doutor em História – UFF

Professor Adjunto ESR/UFF

leossga@gmail.com

## **RESUMO**

O tema central desse artigo é a formação do subúrbio no Rio de Janeiro, durante o período 1880-1910, uma era de transição marcada duplamente pela formação de um mercado de trabalho livre e pela ordenação da cidade e seus habitantes. Pela ordem de análise, dois tipos de fontes são examinados: os dicionários e a literatura, em especial autores como José de Alencar, Machado de Assis, Aluísio de Azevedo e Lima Barreto.

Palavras-Chave: Rio de Janeiro, Subúrbio, Literatura.

## **ABSTRACT**

The central theme of this paper is the formation of the suburb in Rio de Janeiro, during the period 1880-1910, an era of transition with regard to both the formation of a free labor market and the ordering of the city and its inhabitants. In order to analyze this theme, two kind of sources are examined: dictionaries and literature, in especial authors as José de Alencar, Machado de Assis, Aluísio de Azevedo and Lima Barreto.

Key words: Rio de Janeiro, Suburb, Literature.

## **Subúrbio: algumas idéias sobre o espaço**

As imagens e noções que se referem ao subúrbio como um espaço de mistura, de indefinição de fronteiras entre os usos rurais e urbanos são verdadeiramente persistentes. Os exemplos abundam em trabalhos acadêmicos que tem como objeto a temática urbana.<sup>1</sup> Podemos surpreendê-los tanto em trabalhos acadêmicos, como o excelente ensaio sobre a história de São Caetano, cidade pertencente à região metropolitana da Grande São Paulo, escrito José de Souza Martins<sup>2</sup>; em projetos de zoneamento do início do século XX, como o da cidade de Camberra, capital da Austrália; e textos literários, como a crônica “Os enterros de Inhaúma”, do escritor Lima Barreto:

*Tinha morrido o Felisberto Catarino, operário, lustrador e empalhador numa oficina de móveis de Cascadura. Ele morava no Engenho de Dentro, em casa própria, com um razoável quintal, onde havia, além de alguns pés de laranjas, uma umbrosa mangueira, debaixo da qual, aos domingos, reunia colegas e amigos para bebericar e jogar a bisca.<sup>3</sup>*

Note-se que o contraste apresentado pelo autor se mostra mais agudo quando atentamos para o fato de o quintal em vista, de tantas árvores frutíferas, era de propriedade de um homem que desempenhava funções eminentemente urbanas. Mas tal conciliação era possível, pois que se tratava de um quintal localizado no bairro suburbano de Engenho de Dentro.

Esse perfil específico do subúrbio, que na verdade parece se tratar de uma indefinição entre o rural e o urbano, já foi objeto de importantes reflexões no âmbito do pensamento sociológico. Com base num estudo sobre as cidades que compõem a região de Yucatán, no México, Robert Redfield formulará a hipótese da existência de um *gradient* que haveria entre o centro metropolitano (mais urbano, branco e civilizado<sup>4</sup>) e as aldeias e povoações (quase puramente indígenas, pouco civilizadas). Havendo entre esses dois pólos os subúrbios. Região essa que representa tanto num plano simbólico quanto no da prática uma síntese entre eles.

*Quem, partindo da praça, se dirige para os arrabaldes da vila, passa do mundo do negociante da vila ao do aldeão camponês. As casas em redor da praça, muitas das quais são também lojas, situadas lá onde vem a gente da cidade e os visitantes de Dzitaz, são quase todas de alvenaria, construídas em estilo espanhol; a maioria têm janelas, e algumas das janelas têm grades de ferro. A maior parte da eletricidade consumida na vila é usada nessas esquinas de rua e em algumas dessas casas e lojas. Elas têm fogões para carvão vegetal, mesas e cadeiras, e algumas têm chuveiros. Mas, nos arrabaldes, as casas são cobertas de colmo, com paredes de reboco ou pau a pique, e o equipamento doméstico dificilmente consiste em mais que redes, esteiras e uns poucos utensílios simples de cozinha. Paralelamente a essas diferenças de habitação e condição econômica há diferenças de vestuário e linguagem. A gente que mora perto da praça tende a usar a roupa da cidade: calças escuras, camisa e calçado, no caso das mulheres. Nos arrabaldes, torna-se isso raro: os homens levam as sandálias e o chapéu de palha do aldeão camponês, e as mulheres usam o huipil e andam com os pés descalços ou usam chinelas macias, sem salto (chancletas). Em muitas das casas sitas ao redor da praça fala-se o espanhol, mas o maia, que é a língua falada por quase todos numa ocasião ou noutra e constitui o único idioma para muitas pessoas, é a língua doméstica de quase todas as pequenas cabanas dos arrabaldes da vila.<sup>5</sup>*

A indefinição de usos, a persistência de velhos costumes são elementos que abalizam a imagem do subúrbio como um lugar ainda não totalmente urbano, ou seja, que ainda não pode ser considerado plenamente pertencente à cidade com a qual é contíguo. Daí o seu caráter de complementaridade, como se esse subúrbio fosse uma espécie de reserva, passível de abrigar coisas há muito *expurgadas* da urbes. Uma imagem que já podia ser vista desde meados do século XIX em trabalhos como o do famoso urbanista catalão – talvez o primeiro da história – Idelfonso Cerda.<sup>6</sup>

Embora quase consensual, tal imagem sobre o subúrbio – imagem esta muito próxima do que ele realmente seja – não nos exime que consideremos que o que se apresenta como subúrbio hoje não é nada mais do que a positivação de um determinado estágio do desenvolvimento territorial de nossas cidades. O subúrbio, entendido seja enquanto espaço seja enquanto imagem sobre um determinado espaço – acarretando assim a imagem sobre os grupos sociais que o ocupam -, é, portanto, um constructo histórico cujo caráter e sentido está relacionado à dinâmica a um tempo social e espacial na qual está inserido. Daí que enquanto elemento histórico – e não puramente espacial – ele mude tanto ao longo do tempo. Uma rápida olhada nos significados atribuídos a ele em alguns dicionários pode nos oferecer detalhes sugestivos a esse respeito.

No dicionário francês de fins do século XIX, o território suburbano possui um desenvolvimento histórico bem específico, dependendo da forma de sua criação ele poderia ser designado como um *faubourg*. Num dicionário espanhol a acepção dada à palavra subúrbio ganha uma conotação explicitamente social: “pueblo o conjunto de casas que está cerca de una grande ciudad y dentro de su jurisdicción, especialmente el habitado por personas de posición social baja.”<sup>7</sup> Encontramos exatamente aqui a acepção dominante no “mundo ocidental” da palavra subúrbio: o lugar por excelência das classes pobres. Mas nem sempre as coisas, ou melhor, o sentido da palavra, foi assim. O exemplo norte-americano, já citado, o demonstra. Temos o próprio exemplo francês. No *Dictionnaire Général de la langue Française* de finais do XIX somos informados que a região suburbana fora anteriormente a região “où beaucoup de familles nobles ont leurs hôtels”.<sup>8</sup> Temos também o exemplo do que talvez tenham sido os primeiros subúrbios planejados do mundo, os das cercanias de Amsterdam, durante o século de Ouro holandês, conforme nos detalha Paul Zunthor. Eram eles voltados para a moradia das classes mais abastadas da cidade.<sup>9</sup>

O Rio de Janeiro é ele mesmo um exemplo emblemático da origem aristocrática dos subúrbios. O testemunho de Schlichthorst, militar alemão contratado diretamente por Pedro I, que viveu na cidade em meados da década de 1820 é assaz ilustrativo. Aqui ele faz uma descrição da paisagem dos arrabaldes da cidade, isto é, de algo que poderia ser considerado por muitos como sendo parte dos subúrbios:

*A cidade termina na ponte do Catete. Ao longo de sebes e belas casas de campo, o caminho acompanha o mar até onde começa Botafogo, renque de belas residências campestres formando suave curva ao longo da praia.*

*Nos jardins, predomina um gosto que chamam francês e que preferiria fosse mourisco por se adaptar melhor à paisagem. A natureza oferece parques à inglesa que tornam qualquer imitação pueril. [...] As mais belas moradias são construídas um pouco distante da rua, no fundo dos jardins, ao pé dos morros e um tanto acima do nível da praia. A maioria, ao gosto mourisco, com cúpulas, arcos de forma estranha e uma escadaria ligeiramente inclinada à frente.<sup>10</sup>*

Mas se tomarmos a evolução da noção de subúrbio em diferentes momentos históricos e contextos geográficos, iremos perceber também aspectos de notável perenidade. Um primeiro ponto a se destacar é que, fosse um espaço aristocrático ou popular, o subúrbio possuía uma origem rural. Ele, em algum momento da história, teria sido o campo que circundava a *urbes*. Temos o exemplo do dicionário da língua espanhola de início do século XVIII. Suburbano denotava, por exemplo, o “que se aplica al terreno, ó campo, que está cerca de la Ciudad. Usase algunas veces como substantivo” ou “el Arrabal, ò Aldea cerca de la Ciudad, ò de su jurisdiccion”.<sup>11</sup>

Um exemplo bem ilustrativo é a descrição que nos oferece Machado de Assis da Praia Formosa, na altura de Saúde e Gamboa, considerado na época (segunda metade do século XIX) como subúrbio da cidade. Atentemos para o fato de que Rubião – que estava passando de tálburi pela praia - era de Minas, saudoso das coisas da “roça” e se vê encantado pela paisagem “suburbana” com que se depara.

*- V.S.<sup>a</sup> está gostando, disse-lhe o cocheiro contente com o bom freguês que tinha.*

*- Acho bonito.*

- Nunca veio aqui?

- Creio que vim, há muitos anos, quando estive no Rio de Janeiro pela primeira vez. Que eu sou de Minas... Pare moço.

*O cocheiro fez parar o cavalo: Rubião desceu, e disse-lhe que fosse andando devagar. Em verdade, era curioso. Aquelas grandes braçadas de mato, brotando do lodo, e postas ali ao pé da cara do Rubião, davam-lhe vontade de ir ter com elas. Tão perto da rua! Rubião nem sentia o sol. (...) Assim, sim, - dizia ele consigo, - fosse o mar todo uma coisa daquele feitio, alastrado de terras e verduras, e valia a pena navegar. Para lá daquilo ficava a Praia dos Lázaros e a de São Cristóvão. Uma pernada apenas.<sup>12</sup>*

Com o passar do tempo, a cidade, antes cercada pelos campos – como se vê-, passaria ela mesmo a cercá-los, abarcando-os num ritmo e intensidade que variava de país para país, áreas antes destinadas a funções agrícolas. Um segundo aspecto a se destacar é a própria noção de subúrbio como um espaço de transição rural/urbano – idéia esta consagrada nos escritos de R. Redfield. No dicionário inglês, de fins do século XX, a palavra suburbano (*suburban*) aparece “variously connoting a combination of rural and urban features”.<sup>13</sup> Claramente, o pólo positivo do *gradient* imaginado por Redfield era representado pelo urbano, daí que subúrbio seja geralmente imaginado como um espaço ainda atrasado, em vias de se consolidar numa área genuinamente urbana, despojando-se dos últimos resquícios de uma realidade rural, tida como expressão a um só tempo de atraso e anacranismo. O amplo e detalhado perfil dos subúrbios feito por Lima Barreto em *Clara dos Anjos*, parece encontrar no conceito de subúrbio como espaço de contraste entre o novo e o velho, o urbano e o proto-urbano, o ponto de equilíbrio:

*O subúrbio propriamente dito é uma longa faixa de terra que se alonga, desde o Rocha ou São Francisco Xavier, até Sapopemba, tendo para eixo a linha férrea da Central. Para os lados, não se aprofunda muito, sobretudo quando encontra colinas e montanhas que tenham a sua expansão; mas, assim mesmo, o subúrbio continua invadindo, com as suas azinhagas e trilhos, charnecas e*

*morrotes. Passa-se por um lugar que supomos deserto, e olhamos, por acaso, o fundo de uma gruta, donde brotam ainda árvores de capoeira, lá damos com um casebre tosco, que, para ser alcançado, se torna preciso descer uma ladeirota quase a prumo; andamos mais e levantamos o olhar para um canto do horizonte e lá vemos, em cima de uma elevação, um ou mais barracões, para os quais não topamos logo da primeira vista com a ladeira de acesso. Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato. Há verdadeiros aldeamentos dessas barracas, nas coroas dos morros, que as árvores e os bambuais escondem aos olhos dos transeuntes. Nelas, há quase sempre uma bica para todos os habitantes e nenhuma espécie de esgoto. Toda essa população, pobríssima, vive sob a ameaça constante da varíola e, quando ela dá para aquelas bandas, é um verdadeiro flagelo. Afastando-nos do eixo da zona suburbana, logo o aspecto das ruas muda. Não há mais gradis de ferros, nem casas com tendências aristocráticas: há o barracão, a choça e uma ou outra casa que tal. Tudo isto muito espaçado e separado; entretanto, encontram-se, por vezes, "correres" de pequenas casas, de duas janelas e porta ao centro, formando o que chamamos "avenida". As ruas distantes da Francisco. Desço. Penetro pela Rua do Ouvidor. Onde ficou a Estrada de Real, com os seus bácoros, as suas cabras, os seus galos e os seuscapinzais? Não sei ou esqueci-me. Entro no Garnier e logo topo um poeta, que me recita:*

*'Minh'alma é triste como a rola linha da Central vivem cheias de tabuleiros de grama e de capim, que são aproveitados pelas famílias para coradouro. De manhã até à noite, ficam povoadas de toda a espécie de pequenos animais domésticos: galinhas, patos,*

*marrecos, cabritos, carneiros e porcos, sem esquecer os cães, que, com todos aqueles, fraternizam. Quando chega a tardinha, de cada portão se ouve o "toque de reunir": "Mimoso"! É um bode que a dona chama. "Sereia"! É uma leitoa que uma criança faz entrar em casa; e assim por diante. Carneiros, cabritos, marrecos, galinhas, perus - tudo entra pela porta principal, atravessa a casa toda e vai se recolher ao quintalejo aos fundos. Se acontece faltar um dos seus "bichos", a dona da casa faz um barulho de todos os diabos, descompõe os filhos e filhas, atribui o furto à vizinha tal. Esta vem a saber, e eis um bate-boca formado, que às vezes desanda em pugilato entre os maridos.<sup>14</sup>*

Poucos anos depois, em julho de 1922, em crônica intitulada "De Cascadura a Garnier", Lima procura descrever a sua viagem de bonde, percorrendo a estrada Real de Santa Cruz, viagem esta que liga um lugar (Cascadura) onde o passado ainda é muito presente, onde ainda se respira "muito do seu primitivo ar rural de antanho" a outro (o centro da cidade), onde todas esses elementos foram soterrados pela "vida urbana":

*Estamos no Largo de São Francisco. Desço. Penetro pela Rua do Ouvidor. Onde ficou a Estrada de Real, com os seus bácoros, as suas cabras, os seus galos e os seuscapinzais? Não sei ou esqueci-me. Entro no Garnier e logo topo um poeta, que me recita:*

*'Minh'alma é triste como a rola aflita', etc.*

*Entao de novo me lembro da Estrada Real, dos seus porcos, das suas cabras, dos seus galos, dos capinzais...*

Não parece que tudo isso tratasse apenas de imagens e noções impostas a uma realidade. Ao contrário, que o diga Armando Teixeira. A persistente simbiose entre rural e urbano nos subúrbios foi sentida na pele por ele no início de 1920, quando acabou levando a chifrada de um boi na estrada da Pavuna.<sup>15</sup>



Mas se este tipo de coexistência acabou se mostrando persistente na definição do conceito de subúrbio, ou dizendo de outro modo, no ato de classificação de um lugar como sendo um subúrbio, é preciso que se observe também que a maneira como tal coexistência era lida e qualificada não foi a mesma ao longo do tempo. A seguir, teremos a oportunidade de ver que para muitos atores históricos da cidade do início do século, havia boas razões para que a mistura de usos, tão bem apreciada décadas atrás pelo General Schlichthorst, fosse vista com olhos bem diferentes, deixando de ser um motivo de encantamento para se transformar em fonte de lamentações e denúncias.

### **Os subúrbios: de lugar de “grande recreio” ao “recanto dos infelizes”**

Vários trabalhos da historiografia sobre a cidade do Rio de Janeiro apontam para as Reformas do Governo Pereira Passos como um marco da produção de uma configuração sócio-espacial altamente hierarquizada e excludente.<sup>16</sup> Daí é possível que se pense que a divisão da cidade entre zonas urbana, suburbana e rural tenha ganhado contornos mais nítidos. Porém, é preciso tomarmos certas precauções quanto a isso. Parece inegável até hoje que as reformas urbanas operadas no início do século XX tenham mesmo atuado no sentido de conformar divisões geográficas de grandes implicações sociais e étnicas.<sup>17</sup> Mas no caso bem específico da divisão da cidade em diferentes zonas, conforme citadas acima, não há correspondência tão direta.

Quando muito, pode-se sustentar que as Reformas dirigidas por Pereira Passos tenham dado novos significados a divisão entre áreas urbana e suburbana, isto é, o que significava pertencer ou morar em uma ou outra área em termos simbólicos e sociais. De qualquer forma ela está diretamente ligada a uma nova percepção que se vai construindo sobre o papel das cidades, o que se deve, sobretudo, às transformações por que passa o sistema capitalista em escala mundial. Na visão de Maria Chiavari, a internacionalização da economia tal como se delineia nas últimas décadas do XIX procura fazer da cidade um “produto”, “promovendo a valorização real e potencial deste ‘produto’ e ao mesmo tempo ‘objeto de consumo’, para ser repartido segundo as reais possibilidades de renda de seus habitantes.”<sup>18</sup>

E tais transformações suplantam em muito o período em que Pereira Passos esteve a frente do cargo maior do executivo da cidade. Para que possamos ter uma compreensão melhor a respeito faz-se necessário um pequeno recuo de algumas décadas.

Até o século XIX o subúrbio não tinha a conotação negativa que passará a ter no século XX. Até porque os subúrbios e arrabaldes eram a área de moradia de membros das classes ricas e médias da cidade, ali estabelecidos em suas chácaras, *chalets* e casarões. Os exemplos de subúrbios da cidade por essa época eram Botafogo, Laranjeiras, Catete, Glória e Tijuca.<sup>19</sup> Esta, muito bem retratada por Machado de Assis, tanto quanto uma área residencial da elite social carioca quanto uma região marcada pela existência daquele tipo de construções.<sup>20</sup> Mas já havia sido descrita assim antes por José de Alencar, desde meados do século. Em *Lucíola*, obra publicada em 1892, o personagem Sá irá escolher exatamente os “arrabaldes da côrte”, para instalar uma chácara onde dava “férias às ocupações graves, convidava alguns amigos, e oferecia à imaginação um pasto régio”. As marcas aristocráticas dessa residência são nítidas:

*A sua casa de moço solteiro estava para isso admiravelmente situada entre jardins, no centro de uma chácara ensombrada por casuarinas e laranjeiras. Se algum eco indiscreto dos estouros báquicos ou das canções eróticas escapava pelas frestas das persianas verdes, confundia-se com o farfalhar do vento na espessa folhagem; e não ia perturbar, nem o plácido sono dos vizinhos, nem os castos pensamentos de alguma virgem que por ali velasse a horas mortas.*<sup>21</sup>

Só com o parcelamento das terras para a construção de lotes residenciais é que a área passaria a ser ocupada por segmentos tidos como “populares”. Esse foi um processo que variou ao longo do tempo e dependendo da região da cidade. Ele começou a atingir intensamente o que hoje são os bairros de São Cristóvão, Tijuca, Vila Isabel, Piedade desde a década de 1870. A partir de 1890 ele passaria a incidir sobre Méier, Madureira e Engenho Novo e Inhaúma. O historiador José de Oliveira Reis comenta que “começou então um surto descontrolado de abertura de ruas e conseqüentes loteamentos, de maneira irregular e tumultuada. Ruas mal traçadas, abertas em terrenos acidentados, em terra, sem

meios-fios, iam surgindo por todos os lados. Construções novas eram feitas nos lotes inadequados e desprovidos de alinhamentos.”<sup>22</sup>

E assim a região ia perdendo ano após ano aquele perfil aristocrático. Esse aspecto é rapidamente retratado por Lima Barreto em “Recordações do escrívão Isaías Caminha”, quando descreve a residência do personagem que dá nome à obra, localizada em Rio Comprido:

*O jardim, de que ainda restavam alguns gramados amarelecidos, servia de curadouro. Da chácara toda, só ficavam as altas árvores, testemunhas da grandeza passada e que davam, sem fadiga nem simpatia, sombra às lavadeiras, cocheiros e criados, como antes faziam aos ricos que ali tinham habitado.*<sup>23</sup>

Em crônica do início de 1920, o tema do passado aristocrático dos subúrbios cariocas voltava a figurar nos escritos de Lima Barreto:

*Os nossos arrabaldes e subúrbios são uma desolação. As casas de gente abastada têm, quando muito, um jardinzito liliputiano de polegada e meia; e as de gente pobre não têm coisa alguma.*

*Antigamente, pelas vistas que ainda se encontram, parece que não era assim.*

*Os ricos gostavam de possuir vastas chácaras, povoadas de laranjeiras, de mangueiras soberbas, de jaqueiras, dessa esquisita fruta-pão que não vejo e não sei há quantos anos não a como assada e untada de manteiga.*

*Onde estão os jasmineiros das cercas? Onde estão aqueles extensos tapumes de maricas que se tornam de algodão que mais é neve, em pleno estio?*

*Os subúrbios e arredores do Rio guardam dessas belas coisas roceiras, destroços como recordações.*<sup>24</sup>

E desde sempre a presença de aspectos rurais eram tidos como fundamentais na elaboração de uma leitura positiva, quase idílica, da região. A existência de várias árvores frutíferas, animais de pequeno porte, imensas áreas verdes ao redor dos sítios, descampados, que dava a impressão de um certo isolamento da área urbana, tudo isso compunha um quadro de equilíbrio e leveza a um espaço eminentemente ocupado pelas classes mais ricas da cidade. Voltemos um pouco no tempo para surpreendermos em *Casa de Pensão*, escrita por Aluísio de Azevedo em 1884, a descrição de uma chácara, localizada na Tijuca, onde Lúcia e Amâncio protagonizam os momentos mais felizes de seu romance:

*Lúcia, muito disfarçada, ia-lhe apontando os cômodos e as benfeitorias da casa, com tanto empenho e gosto como se fora mesma proprietária; mostrou-lhe o banheiro, os tanques para a lavagem de roupas, o coradouro, o cercado das galinhas e por último o jardim.*

*Colheu logo uma rosa e, por suas próprias mãos, enfiou-a na gola do fraque de Amâncio. Em seguida atravessaram a horta. Canteiros grandes cobertos de verdura, saturavam o ar de um cheiro fresco de hortaliças. As alfaces brilhavam ao sol dourado de julho. Mais adiante havia um sombrejar melancólico e delicioso de árvores grandes; era a chácara; viam-se no ar as folhas largas e recortadas da fruta-pão faiscarem, como lâminas de metal brunido; ao passo que as bojudas mangueiras se debruçavam sobre a terra numa concentração pesada de sono.*

*Os dois prosseguiram de braço dado por entre o murmurejar tristonho daquelas sombras. E lentamente, e sem trocarem uma palavra, se deixaram ir até a espalda de um muro que servia de limite à chácara. Havia um grosseiro banco de pau meio escondido entre bambus e trepadeiras. Assentaram-se. Um fio d'água corria da montanha e os passarinhos remigiavam trilando na mole embalsamada das estevas.<sup>25</sup>*

Na última década do século XIX, a cidade vai conhecer um grande *boom* demográfico, fruto em grande medida do afluxo de imigrantes portugueses e de migrantes (ex-escravos principalmente) do interior da antiga província do Rio de Janeiro e de estados como Minas Gerais e Bahia. Era natural que tal pressão demográfica aliada à expansão dos meios de transporte levassem o mercado imobiliário a estender seus braços para o subúrbio. Este passava a ser mais visado, a ser visto como uma opção de moradia possível para vários grupos sociais nas primeiras décadas do século XX.<sup>26</sup> Mas é com as reformas urbanas da administração Pereira Passos, que a discussão sobre subúrbio ganha força tanto na imprensa quanto no legislativo da cidade. Uma grave crise habitacional envolvendo as classes populares se anuncia com a onda de demolições de cortiços e estalagens. Para agravar a situação havia ainda o grande número de epidemias que tornavam problemática a vida no centro da cidade. E dado o alto custo dos terrenos dos arrabaldes mais próximos como Glória, Catete e Tijuca e mesmo São Cristovão, bairros como Gamboa e Saúde surgiam como a opção de moradia mais viável. Porém, como o tempo mostrou, eram insuficientes para prover tamanha demanda. Surgiam então a opção dos morros localizados no centro mesmo da cidade como Providência, Santo Antônio, São Bento, Conceição e Castelo. Mas tais opções padeciam dos mesmos problemas dos daqueles dois últimos bairros. Daí que a opção que surgisse com força no horizonte fosse mesmo os subúrbios cariocas, especialmente aqueles cujos terrenos fossem cortados pelas linhas de trem da Central do Brasil, visto que as condições de transporte - junto com o próprio preço do terreno - eram um elemento que pesava muito na decisão que um trabalhador fazia sobre o lugar em que iria residir. A partir de então, vai se consolidando todo um processo que confere à palavra subúrbio “um certo sentido depreciativo, que inclui não só uma idéia de recursos financeiros mais limitados, mas também um certo gênero de vida particular”.<sup>27</sup> Mas a mudança de percepção sobre o espaço do subúrbio não se resume apenas à expansão demográfica da região. Ela também está ligada à questão de quais grupos passam a ocupar esta região. Mas a transformação do subúrbio em lugar “proletário” não se dá de maneira linear. Annelise Fernandez lembra que ainda na década de 1890 o subúrbio era habitado predominantemente por uma pequena classe média composta em sua maioria por funcionários civis e militares de baixo escalão, comerciantes e alguns operários.<sup>28</sup> Na verdade, eram eles que tinham condições de arcar com os elevados custos de mobilidade entre o centro da cidade e as regiões mais afastadas dos subúrbios. Daí que fosse perfeitamente compreensível que a região possuísse uma composição bem heterogênea

até as primeiras décadas do século XX. E quando o mercado imobiliário começa a aflorar com mais intensidade nos subúrbios, é pouco provável que ele tivesse em vista atender uma “clientela” de proletários. Este subúrbio do qual estamos falando já não era aristocrático tal como o “subúrbio” de *A Luneta Mágica*, *Lucíola* ou *Dom Casmurro*, isto é, de meados do século XIX, mas ainda atraía boa parcela dos membros “melhor aquinhoados” da sociedade carioca – como comumente se referia aos setores mais ricos a imprensa popular da época.

### **Referências Bibliográficas:**

ABREU, Maurício de. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1988; MIRANDA, Mariana Helena Souza Palhares. *Crescimento periférico da cidade do Rio de Janeiro: padrões espaciais de ocupação residencial*. Rio de Janeiro, Doutorado em Geografia, UFRJ, 1976.

ALENCAR, José de. *Lucíola*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1951.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: O Globo/ Click editora, 1997

AZEVEDO, Aluísio de. *Casa de Pensão*. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). Acesso em 19 Maio 2009.

BARRETO, Lima. *Recordações do escrivo Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BARRETO, Lima. *Toda crônica*. RESENDE, Beatriz e VALENÇA, Rachel (orgs.). Rio de Janeiro: Agir, 2004.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Fonte: [dominiopublico.gov.br](http://dominiopublico.gov.br), Acesso em 13 Maio 2009.

CHIAVARI, Maria Pace. “As transformações urbanas do século XIX”. In: *O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II*. Del Brenna, Giovanna Rosso. Rio de Janeiro: Index, 1985.

COSTA, Renato da Gama-Rosa. *Entre “avenida” e “rodovia”*: a história da avenida Brasil (1906-1954). Rio de Janeiro, Tese de Doutorado em Planejamento Urbano, UFRJ, 2006.

*Dictionnaire General de la Langue Française*. Paris: Libraire Ch. Delagrave, 188(?).

*Diccionario de la Lengua Castellana, em que se explica el verdadero sentido de las vocês, su naturaleza y calidad, com lãs phrases o modos de hablar, los proverbios o refranes, y otras cosas convenientes al uso de la lengua*. Madrid: Real Academia Española, tomo IV, 1737.

FERNANDEZ, Annelise Caetano Fraga. *“Assim é o meu subúrbio: o projeto de dignificação dos subúrbios entre as camadas médias suburbanas de 1948 a 1957”*. Rio de Janeiro, Mestrado em Sociologia, IFCS/UFRJ, 1995.

MARTINS, José de Souza. *Subúrbio* : vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Caetano: do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: Hucitec: Unesp, 2002.

MATTOSO, Rafael. *A estética do Subúrbio*. Rio de Janeiro, Trabalho de Conclusão de Curso em História pela UFRJ, 2006.

PECHMAN, Robert. *Gênese do mercado urbano de terras, a produção de moradias e a formação dos subúrbios no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado, PUR/ UFRJ, Rio de Janeiro, 1985.

PEREIRA, Sônia Gomes. *A Reforma Urbana de Pereira Passos e a Construção da Identidade Carioca*. Rio de Janeiro: UFRJ, EBA, 1998.

REDFIELD, Robert. *Civilização e cultura de Folk*: estudo de variações culturais em Yucatán. São Paulo: Livraria Martins Editora S. A., 1949.

REIS, José de Oliveira. *O Rio de Janeiro e seus prefeitos*: evolução urbanística da cidade. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 1977.

QUEIROZ, Eneida Quadros. *Justiça Sanitária: Cidadãos e Judiciário nas reformas urbana e sanitária - Rio de Janeiro (1904 - 1914)*. Niterói, Mestrado em História, PPGH/UFF, 2008.

SCHLICHTHORST, C.. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826): Contribuições de um diário para a história atual, os costumes e especialmente a situação da tropa estrangeira na capital do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

STUCKENBRUCK, Denise Cabral. *O Rio de Janeiro em questão: o Plano Agache e o ideário reformista dos anos 20*. Rio de Janeiro: FASE-IPPUR/UFRJ, 1996.

ZUMTHOR, Paul. *A Holanda no tempo de Rembrandt*. São Paulo : Companhia das Letras; Círculo do Livro, 1989.

WEBSTER'S. *New Twentieth Century dictionary of the english language*. New York: Prentice Hall Press, 1979.

UNIVERSIDAD DE ALCALÁ. *Señas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

---

\* Pesquisador do Gesthu/IPPUR/UFRJ, onde o autor desenvolveu estágio pós-doutoral sob supervisão da professora Fania Fridman.

<sup>1</sup> São numerosos os exemplos de trabalhos sobre os subúrbios cariocas e nos quais afloram este tipo de concepção. Os mais lapidares: PECHMAN, Robert. *Gênese do mercado urbano de terras, a produção de moradias e a formação dos subúrbios no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado, PUR/UFRJ, Rio de Janeiro, 1985; ABREU, Maurício de. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1988; MIRANDA, Mariana Helena Souza Palhares. *Crescimento periférico da cidade do Rio de Janeiro: padrões espaciais de ocupação residencial*. Rio de Janeiro, Doutorado em Geografia, UFRJ, 1976, p. 24.

<sup>2</sup> MARTINS, José de Souza. *Subúrbio : vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Caetano: do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: Hucitec: Unesp, 2002.

<sup>3</sup> BARRETO, Lima. *Toda crônica*. RESENDE, Beatriz e VALENÇA, Rachel. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p. 555.

<sup>4</sup> Acentua o autor: "É de notar-se ainda que Mérida tem a primazia na adoção das novas e modernas maneiras da civilização euro-americana", In: REDFIELD, Robert. *Civilização e cultura de Folk: estudo de variações culturais em Yucatán*. São Paulo: Livraria Martins Editora S. A., 1949. pp.28-29.

<sup>5</sup> *Ibidem*, pp. 50-51.

<sup>6</sup> COSTA, Renato da Gama-Rosa. *Entre "avenida" e "rodovia"*. p. 100.

<sup>7</sup> Universidad de Alcalá de Henares. *Señas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 1191.

<sup>8</sup> *Dictionnaire General de la Langue Française*. Paris: Libraire Ch. Delagrave, 188(?).



- 
- <sup>9</sup> ZUMTHOR, Paul. *A Holanda no tempo de Rembrandt*. São Paulo : Companhia das Letras; Círculo do Livro, 1989.
- <sup>10</sup> SCHLICHTHORST, C.. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826)*: Contribuições de um diário para a história atual, os costumes e especialmente a situação da tropa estrangeira na capital do Brasil. Brasília: Senado Federal, 2000. pp. 195-96.
- <sup>11</sup> *Diccionario de la Lengua Castellana, em que se explica el verdadero sentido de las vocês, su naturaleza y calidad, com lãs phrases o modos de hablar, los proverbios o refranes, y otras cosas convenientes al uso de la lengua*. Madrid: Real Academia Española, tomo IV, 1737. p. 172.
- <sup>12</sup> ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: O Globo/ Click editora, 1997. p. 85. (O romance foi originalmente publicado em 1891, mas boa parte parece ser ambientada em meados da década de 1860).
- <sup>13</sup> WEBSTER'S. *New Twentieth Century dictionary of the english language*. New York: Prentice Hall Press, 1979. p. 1818.
- <sup>14</sup> BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Fonte: dominiopublico.gov.br, p. 38
- <sup>15</sup> *Voz do Povo*, 25 de fevereiro de 1920. p. 2. Atualmente Pavuna é muito conhecida por ser o ponto terminal da Linha 2 do Metrô da cidade do Rio de Janeiro.
- <sup>16</sup> ABREU, Maurício de. Op. Cit.; PEREIRA, Sônia Gomes. *A Reforma Urbana de Pereira Passos e a Construção da Identidade Carioca*. Rio de Janeiro: UFRJ, EBA, 1998. BENCHIMOL, Jaime Larry. Op.cit.; SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- <sup>17</sup> Processo este que se manterá vigoroso mesmo após a administração de Pereira Passos. Sobre como essa questão se manifesta nas décadas de 1920 e 1930, temos os excelentes estudos de FISCHER, Quase-Cidadão e STUCKENBRUCK, Denise Cabral. *O Rio de Janeiro em questão: o Plano Agache e o ideário reformista dos anos 20*. Rio de Janeiro: FASE-IPPUR/UFRJ, 1996. De leitura indispensável são os artigos de PECHMAN, Robert Moses - "O urbano fora do lugar?"
- <sup>18</sup> CHIAVARI, Maria Pace. "As transformações urbanas do século XIX". In: *O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II*. Del Brenna, Giovanna Rosso. Rio de Janeiro: Index, 1985. p. 571.
- <sup>19</sup> QUEIROZ, Eneida Quadros. *Justiça Sanitária: Cidadãos e Judiciário nas reformas urbana e sanitária - Rio de Janeiro (1904 - 1914)*. Niterói, Mestrado em História, PPGH/UFRJ, 2008. p. 22.
- <sup>20</sup> Algo desse subúrbio enquanto moradia das "classes-médias" pode ser visto, mais uma vez, no romance *Don Casmurro* de Machado de Assis, especialmente nos capítulos iniciais, nos quais Bentinho relata momentos de sua infância, passados em meados do século XIX, na chácara de Matacavalos (próximo à Tijuca).
- <sup>21</sup> ALENCAR, José de. *Lucíola*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1951. p. 52.
- <sup>22</sup> REIS, José de Oliveira. *O Rio de Janeiro e seus prefeitos: evolução urbanística da cidade*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 1977. p. 53.
- <sup>23</sup> BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 175.
- <sup>24</sup> BARRETO, Lima. *Toda Crônica...* p. 129.
- <sup>25</sup> AZEVEDO, Aluísio de. *Casa de Pensão*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br ( pp. 86-87).
- <sup>26</sup> PECHMAN, Robert Moses Pechman demonstra que são exatamente as freguesias suburbanas, como Engenho Velho (147%), São Cristóvão (103%) e Engenho Novo (126%) e mesmo rurais como Irajá (109%) e Inhaúma (o maior de toda a cidade com 293%) as que registram maior crescimento demográfico no período. In: *Gênese do mercado urbano de terras...*
- <sup>27</sup> Estas são palavras das geógrafas Lysia Bernardes e Maria Terezinha de Segadas Soares citadas por MATTOSO, Rafael. *A estética do Subúrbio*. Rio de Janeiro, Trabalho de Conclusão de Curso em História pela UFRJ, 2006. p. 31. O *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* destaca essa particularidade do caso brasileiro quando afirma que a palavra *suburbano* possui entre suas acepções uma de fundo claramente depreciativo: "Suburbano - Que tem ou revela mau gosto"(p. 1888).
- <sup>28</sup> FERNANDEZ, Annelise Caetano Fraga. *Assim é o meu subúrbio: o projeto de dignificação dos subúrbios entre as camadas médias suburbanas de 1948 a 1957*". Rio de Janeiro, Mestrado em Sociologia, IFCS/UFRJ, 1995. p. 16.